



() CTS () CA () EAM (x) ENF () EAP () EX () FP () HFS () IDD () LEQ () MD () PEQ () TIC

OS DESAFIOS E POTENCIALIDADES DO ENSINO DE CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO PRISIONAL: RELATO DA 1ª FEIRA DE CIÊNCIAS NO CONJUNTO PENAL DE ITABUNA

Tompson Gomes Bacelar (FM)¹, Andréa Maria Brandão Meireles (FM)², Renata Tereza Brandão Meireles (FM)³,
Tiago Matos Damasceno (FM)⁴, Adriana Oliveira Lima (FM)⁵

^{1, 2, 3, 4, 5} Colégio Estadual Adonias Filho – Anexo Conjunto Penal de Itabuna. tgbacelar@gmail.com

Introdução

A educação prisional é marcada por tensões entre punição e ressocialização. Exigindo propostas pedagógicas que articulem conhecimento científico, emancipação e valorização da experiência de vida dos estudantes.

Em 2022, o Colégio Estadual Adonias Filho realizou a 1ª Feira de Ciências no Conjunto Penal de Itabuna, com o objetivo de divulgar o conhecimento científico e promover o protagonismo dos estudantes privados de liberdade.

A ação integrou o currículo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais, e contou com a participação de professores de Química, Física, Biologia e Ciências. Inspirada nos princípios de Paulo Freire (1996), a iniciativa buscou construir o conhecimento de forma coletiva, a partir da realidade vivida pelos estudantes, valorizando o diálogo como caminho para articular teoria e prática. Ao unir a perspectiva freiriana de educação como prática de liberdade o entendimento de Marisa Krasilchic (2004), que destaca o estudante como sujeito ativo da investigação, a experiência foi além do ensino de conteúdos: construiu significados que reforçam a autoestima, o senso crítico e a possibilidade de reintegração social por meio do conhecimento científico.

Desafios enfrentados

Realizar atividades práticas em ambiente prisional exige superação de múltiplos obstáculos:

- Infraestrutura limitada: Ausência de laboratórios, materiais escassos e restrições ao uso de recursos tecnológicos.
- Segurança e logística: Controle rigoroso de entrada de materiais, revistas constantes e limitação de tempo e espaço.
- Estigma e resistência institucional: A educação ainda é vista por alguns como privilégio, não como direito.
- Formação docente específica: Poucos professores recebem preparo para lidar com as complexidades do ambiente prisional.

Metodologia e potencialidades

A feira foi organizada a partir de temas geradores: Saúde, Energia e Meio Ambiente. Os projetos foram propostos pelos próprios estudantes/internos, com base em suas vivências e estudos. A abordagem metodológica priorizou a contextualização, a interdisciplinaridade e a valorização dos saberes prévios. A atividade foi realizada nos anexos feminino e masculino da unidade, com espaços temáticos nomeados em homenagem a cientistas.

Resultados e impactos

A feira envolveu cerca de 690 estudantes da rede estadual e municipal, que pela primeira vez, internos do Conjunto Penal assumiram a concepção e a apresentação dos trabalhos. O clima era de envolvimento geral. Alguns estudantes improvisaram soluções criativas para problemas simples, outros mostravam domínio surpreendente ao explicar seus experimentos.

Essa experiência confirma o que Marisa Krasilchick (2004) descreve: a Feira de Ciências não se limita a mostrar resultados, ela é um espaço onde se aprende fazendo, discutindo e compartilhando. Vimos estudantes que, normalmente permaneciam calados, ganharem a confiança para falar, grupos se organizando de forma colaborativa; e ideias nascendo de experiências pessoais. Para nós, professores, foi também um momento de repensar práticas e perceber que, mesmo em um ambiente restritivo, a educação pode ser uma ferramenta potente de transformação.

Considerações finais

Realizar a 1ª Feira de Ciências no Conjunto Penal de Itabuna não foi simples. Entre burocracia, a limitação de espaço e a falta de recursos, cada etapa exigiu criatividade, paciência e persistência.

O que vimos, reforça o que Freire (1996) e Krasilchick (2004) defendem: quando a ciência começa a partir do que o aluno vive e dá espaço para que ele participe de verdade, ela deixa de ser algo distante e passa a fazer sentido de fato. Para quem está privado de liberdade, isso significa mais que conhecimento, mas também um passo em direção à confiança e à reintegração.

Essa experiência reafirma que o ensino de Ciências, mesmo em contextos adversos, pode atuar como instrumento de inclusão, fortalecimento da autoestima e promoção da cidadania, reforçando que a educação é um direito de todos em qualquer circunstância.

Referências

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRASILCHICK, M. *Prática de ensino de ciências*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.